

Yobenj Aucardo Chicangana-Bayona

*Imagens de canibais e
selvagens do Novo Mundo*

DO MARAVILHOSO MEDIEVAL AO
EXÓTICO COLONIAL (SÉCULOS XV-XVII)

Tradução

Marcia Aguiar Coelho

EDITORIA UNICAMP

Sumário

<i>Prefácio – Ronald Raminelli</i>	11
<i>Abertura</i>	15
<i>1. Maravilhas, gentios e outros prodígios</i>	19
<i>2. O retorno de Gogue e Magogue</i>	55
<i>3. Índios renascentistas</i>	95
<i>4. Filhas de Saturno</i>	125
<i>5. Apolo Tupinambá</i>	177
<i>6. Descriptio Mundi</i>	209
<i>Epílogo</i>	235
<i>Fontes e bibliografia</i>	237
<i>Relação das imagens</i>	255

Prefácio

Desde os descobrimentos e a expansão europeia, o contato do homem branco com os canibais é descrito e desenhado em livros. Essa imagem se renovou ao longo dos séculos, apesar de ter sido mantido o contraste entre o canibal selvagem e o branco civilizado. No século XX, o assunto recebeu um reforço ainda maior com o cinema e a televisão. Não é incomum que, ainda hoje, se mencione a captura de um explorador por parte de uma tribo canibal, cena comum em filmes e desenhos animados que retratam aventuras ocorridas na África ou na América. Depois de ser tomado como prisioneiro, o europeu é conduzido pelos guerreiros ao interior da aldeia, onde se encontra um grande caldeirão com água fervendo e muitos nativos ansiosos por degustar a iguaria capturada durante alguma confrontação bélica. A cena testemunharia a barbárie dos povos perdidos em terras distantes da civilização europeia. Trivializada pelos meios de comunicação, essa narrativa está inserida na ideologia colonial, ou seja, num conjunto de pressupostos, nem sempre verdadeiros, que reforçam a inferioridade dos povos africanos e ameríndios. Este erudito livro de Yobenj Aucardo Chicangana-Bayona retrocede no tempo para perceber que o mito do canibal se encontra nos primeiros registros sobre o Novo Mundo e que teve interessantes alterações ao longo dos séculos XVI e XVII.

Na edição de 1509 das cartas de Américo Vespúcio, encontra-se uma gravura que retrata um marinheiro e três mulheres que parecem seduzi-lo com a nudez de seus corpos. As índias distraem o descuidado conquistador, enquanto outra aborígene se aproxima ameaçadoramente por trás. O marinheiro, que a princípio pensava em atrair as belas selvagens, terminaria como

prato principal de um banquete canibalesco. Desde então, a cartografia europeia, ao representar a América, passou a difundir a fama desses povos consumidores de carne humana. Esse alerta aos futuros colonizadores foi traduzido nos mapas por imagens de guerras, fogueiras e corpos esquartejados em pleno cozimento. Tema tratado de forma magnífica no presente livro.

Em princípio, a prática não era uma mentira nem mera invenção europeia, no entanto, era um ritual controlado por regras. Entre os tupis, por exemplo, os guerreiros se sentiam honrados quando morriam em um banquete canibal. Para os europeus, comer carne humana era abominável, pois nem sequer os leões ingeriam seus semelhantes. Durante o século XVI, o Brasil era conhecido nos mapas como *Terra dos papagaios*, fazendo referência às belas aves que ali se encontravam, ou como *Terra dos canibais*. A imagem do canibalismo ameríndio seria difundida na Europa com mais intensidade a partir do relato de Hans Staden, explorador alemão que foi capturado pelos tupinambás em meados do século XVI. Sua incrível experiência como prisioneiro de um grupo de canibais foi descrita em relatos que ganhariam várias edições entre os séculos XVI e XVIII, ou seja, o tema do canibalismo teve enorme sobrevivência ao longo do tempo.

Ao banalizar as cenas de canibalismo, os europeus pretendiam comprovar que os índios e os negros atuavam como os piores animais e necessitavam da intervenção dos povos mais “civilizados” para promover a paz. Os conquistadores tinham a intenção de controlar as terras, as riquezas e a força de trabalho dos nativos. Para os europeus, os índios e os negros eram incapazes de dominar seus instintos, promovendo, por isso, guerras, emboscadas e traições. A preguiça desses povos tornava inviável o cultivo dos campos e a domesticação dos animais, por isso dependiam da carne humana para sua sobrevivência.

Como nos conta Chicangana-Bayona, o ato de comer carne humana não foi uma invenção dos povos americanos descoberta pelos europeus entre os séculos XV e XVI. Desde a Grécia antiga a prática era denominada *anthropophagia*, e somente depois da chegada dos europeus ao Novo Mundo difundiu-se o termo *canibalismo*. Sua origem remonta à primeira viagem de Colombo, quando o navegador soube por intermédio dos aruaques que os caribes, seus inimigos, eram ferozes, bárbaros e conhecidos como *caraibas*. Antropófagos e canibais são, em princípio, idênticos, mas é importante fazer uma distinção: o canibalismo fazia referência ao ritual, enquanto a antropofagia era motivada pela necessidade, pela fome. Segundo essa diferenciação, o consumo de

carne humana como sustento era mais degradante que a ingestão de acordo com regras sociais. Os antropólogos não encontraram um consenso para essa variação, pois não se tem notícias de uma sociedade que consumisse carne humana como alimento.

Para os conquistadores, em suma, o canibalismo era sinônimo de barbárie e da incapacidade para autogovernar-se. A intervenção colonialista europeia seria um meio de erradicar o costume de comer carne humana, de livrar os próprios nativos do destino cruel e, por fim, conduzi-los à civilização. Num primeiro momento, nas narrativas de viagem sobre ameríndios e africanos, destacava-se a preguiça desses povos, o gosto pela guerra e pela carne humana. Num segundo momento, os relatos difundiam a superioridade da religião cristã e demonstravam a inteligência e a capacidade dos europeus para manipular os nativos. Essas ideias preconcebidas originariam o mito da superioridade do homem branco.

Como bem demonstra o estudo de Chicangana-Bayona, com base em centenas de narrativas de viagem, percebe-se como os europeus contavam tanto com a fé em Deus quanto com a superioridade de seus navios e armas de fogo para dominar outros povos. Entre os séculos XVII e XIX, pouco a pouco as vitórias europeias no mundo colonial tornaram-se garantia de sua superioridade intelectual e da missão de converter os bárbaros em homens civilizados. Dessa forma, legitimavam as intervenções militares, o domínio sobre os povos ameríndios e africanos para “o bem e o progresso da humanidade”.

Nos debates historiográficos, enfatiza-se a representação do canibal como parte da ideologia da colonização, como imagem para legitimar as guerras e a escravização das comunidades indígenas. Para os testemunhos coloniais, o canibal se achava num nível intermediário entre os animais e os seres humanos – sinal, portanto, de incapacidade, de debilidade mental, conforme abordou o já clássico estudo de Bernadette Bucher. Os índios se enfrentavam em guerras incessantes e consumiam seus oponentes em festas canibais. Em suma, o canibalismo fundamentou, do ponto de vista europeu, a percepção de que os ameríndios eram seres inferiores. Essa perspectiva historiográfica não descartou o diálogo com a antropologia e buscou analisar os documentos coloniais do prisma do colonizador, sem descuidar das especificidades das culturas indígenas.

Há ainda outra vertente que considerou o canibalismo como um mito, como uma invenção europeia. Por meio da crítica documental, o antropólogo

William Arens concluiu que os testemunhos eram insuficientes para comprovar a veracidade do canibalismo. Os relatos eram sempre indiretos, comumente envolvendo acusações entre inimigos. Esse processo, segundo Arens, não foi promovido só pelos europeus, mas se encontra difundido em todos os grupos humanos. De formas diversas, os inimigos são sempre identificados como canibais. Essa perspectiva provocou muita polêmica entre antropólogos e historiadores que descartaram tais hipóteses.

Nesse debate, *Imagens de canibais e selvagens do Novo Mundo* contribui com um estudo sobre genealogia da imagem mediante a representação do canibal. Para tal propósito, o autor recorre a diferentes fontes e tradições textuais, analisando sua metamorfose entre os séculos XV e XVII. Assim, vale a pena conhecer este livro não apenas por sua enorme erudição, mas também pela metodologia em que prima a integração de textos e imagens.

Ronald Raminelli